

## **A ILUMINAÇÃO CÊNICA DE ESPETÁCULOS TEATRAIS REALIZADOS EM ESPAÇOS NÃO-CONVENCIONAIS NA**

**CIDADE DE SÃO PAULO.** Camila Andrade de Souza, Wagner Francisco Araújo Cintra. – Artes - Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas - Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação – Instituto de Artes - Campus de São Paulo.

A iluminação cênica é um recurso indispensável para o olhar cada dia mais exigente do espectador. Seu uso - fundamental para a prática teatral - é responsável muitas vezes pela valorização do espetáculo, destacando ou escondendo os aspectos de uma cena. Não basta apenas acender a luz, é preciso enriquecer o ambiente, trazer o público para "dentro" do espetáculo, criar o clima, construir ambiências. No entanto, apesar de sua importância na linguagem teatral, este recurso apresenta-se como um tema pouco pesquisado nas universidades e graduações em artes. O aproveitamento dessa fonte necessita investigação e reflexão.

Na atual cena paulistana é cada vez mais recorrente a utilização de espaços não-convencionais para a realização de espetáculos teatrais. Estes espaços fornecem aos artistas possibilidades – e não raro dificuldades - diferentes daquelas encontradas na tradicional caixa preta. É comum que o espaço onde o espetáculo se realizará não esteja preparado tecnicamente para oferecer ao diretor e a sua equipe técnica os equipamentos e condições necessárias para a realização do projeto. Nestes casos é necessário conciliar as exigências do espetáculo com as possibilidades do espaço. Por outro lado, alguns espetáculos não aconteceriam em outro lugar que não o espaço alternativo escolhido, com sua arquitetura e suas condições técnicas especiais. O lugar escolhido é o único para aquela encenação agrega um sentido essencial ao espetáculo, existe a necessidade do sentido do espaço para a construção do sentido do espetáculo.

Partindo destas observações, a pesquisa tem como objetivo refletir sobre o uso da iluminação cênica em espetáculos realizados em espaços não-convencionais na cidade de São Paulo. Serão discutidas as dificuldades e particularidades de cada espaço em relação ao espetáculo encenado, bem como o trabalho dos profissionais desde o processo de concepção até a realização do espetáculo, lidando com o espaços e com os equipamentos disponíveis.

A pesquisa foi iniciada no mês de setembro de 2005 sem orientação acadêmica e desde abril de 2006 foi vinculada ao projeto de extensão do grupo Atrás do Grito de Teatro da Unesp orientado pelo professor Doutor Reynúncio Napoleão de Lima, e à bolsa de incentivo técnico-acadêmico de monitoria de iluminação, orientada pelo professor Wagner Francisco Araújo Cintra. Ambos projetos do Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação do Instituto de Artes.

Partindo da metodologia de pesquisa de campo, este trabalho organiza-se em etapas. Na etapa inicial, ainda em 2005, foram realizadas pesquisas sobre a história da iluminação cênica no Brasil e no mundo, bem como participações em oficinas de introdução à iluminação cênica, e no I Congresso Brasileiro de Iluminação Cênica, realizado em setembro de 2005 pela ABRIC- Associação Brasileira de Iluminação Cênica, (antigo GEPHIC - Grupo de Estudo e Pesquisa da História da Iluminação Cênica). Neste congresso foram estabelecidos contatos com alguns profissionais da área, que contribuíram com indicações para leitura e também indicaram colegas que trabalham com espaço não-convencional para possivelmente serem entrevistados. O congresso e as oficinas de iniciação foram de fundamental importância para o amadurecimento da pesquisa que se iniciava.

Na etapa seguinte realizou-se a verificação e leitura de parte do escasso material publicado sobre o tema. A terceira etapa foi dividida em fases: este foi efetivamente o início do trabalho de campo. No início desta etapa foram realizados estudos para definir quais seriam os critérios para a seleção dos espetáculos. Feito isso, foram escolhidos cinco espetáculos em cartaz na cidade de São Paulo que atendiam as exigências da pesquisa para serem analisados no segundo semestre de 2006. Nesta segunda fase alguns dos escolhidos foram assistidos e alguns dos profissionais envolvidos nestes espetáculos foram entrevistados. Depois da primeira seleção aconteceram mudanças na escolha dos espetáculos, pois parte deles não adequou-se ao tema ou não apresentou pesquisa significativa para a concepção da iluminação cênica utilizada. O restante

dos profissionais será entrevistado no mês de outubro e novembro deste ano. A terceira fase que também está em andamento caracteriza-se pela transcrição das entrevistas e reflexões sobre o material colhido para produção da reflexão final.

As leituras e entrevistas realizadas com alguns designers de iluminação e iluminadores apontam que a iluminação cênica em espaços alternativos não possui cursos ou escolas por tratar-se de uma profissão relativamente nova. Seus profissionais a aprenderam na prática, acompanhando montagens de outros profissionais e experimentando com diferentes espaços e equipamentos. O conhecimento técnico é fundamental para o desenvolvimento expressivo nesta área, mas é preciso considerar os desafios estruturais, ferramentais e processuais da atividade. Esses desafios encontram-se nas estruturas físicas, elétricas, de equipamentos, de acessórios e de espaço. Desafios que também exigem desses profissionais, abertura, desenvoltura, adaptabilidade e constante reciclagem de informações, pois as tecnologias desenvolvem-se rapidamente e diariamente novos produtos são lançados no mercado. A idealização da iluminação passa necessariamente pela sensibilidade artística do criador, pela capacidade de entender as nuances de significação desses símbolos no todo, que é o resultado final da obra. Esse conhecimento pode ser adquirido através do estudo da arte e de sua história, aliado ao espaço escolhido para desenvolver o projeto. Todas estas referências avançam paralelamente ao desenvolvimento do artista. Obviamente, alguns terão maiores facilidades do que outros no que diz respeito às questões de sensibilidade e expressão. Isso é bastante pessoal. Como qualquer artista, o designer de iluminação tem todo um caminho de maturação.

A entrevista concedida pelo iluminador Domingos Quintiliano sobre seu trabalho com o espetáculo *Leonce e Lena* dirigido por Gabriel Vilela que esteve em cartaz em um dos espaços alternativos do Sesc Paulista, deixa claro este processo de evolução do profissional:

*“O fundamental para um trabalho como este é dominar o espaço, saber o que ele oferece e saber o que é o básico que o espetáculo precisa. Eu me internei no espaço. Decorei todas angulações, gravei em vídeo. Estudei muito. As angulações não eram como as de um espaço convencional. Tinha que resolver de alguma maneira. O desafio era achar uma saída para aquele espaço. Tudo que eu sabia não servia. Estou completando quase noventa espetáculos e é impressionante como você se depara com uma situação que nada do que você sabe serve. Muito embora o que vale também é um olho treinado, certa agilidade em saber como é que o raio de luz se comportaria naquelas angulações. Mas, tecnicamente nada serve, nada que eu tinha feito antes se compara com aquilo. Se o ator subir na plataforma que tem no meio do espaço e levantar o braço ele encosta no teto e é justamente esta plataforma que é a parte mais nobre do palco onde acontecem as cenas mais importantes. Tive que achar um jeito de a luz chegar neste ponto, sempre lembrando do problema de ter público dos dois lados, tive que conseguir fazer um ângulo que fosse bom para um lado sem que estourasse a luz no olho do público que estava do outro lado. Ninguém ia suportar uma hora de espetáculo com a luz na retina<sup>1</sup>.”*



*foto do espetáculo Leonce e Lena.*

<sup>1</sup> Trecho da entrevista concedida para esta pesquisa no mês de agosto de 2006 pelo designer de iluminação Domingos Quintiliano sobre seu trabalho com o espetáculo *Leonce e Lena* dirigido por Gabriel Vilela que esteve em cartaz em um dos espaços alternativos do Sesc Paulista.

Sobre as diferenças em trabalhar com um espaço convencional ou com um espaço alternativo o designer de iluminação Tadeu de Araújo, responsável pela luz do espetáculo *Alguém vai vir da visceral companhia* que esteve em cartaz na sala experimental do teatro Augusta, declarou:

*“Sempre gostei de espaço alternativo pela briga e pelo companheirismo que se tem que ter com o ele. No convencional existe a facilidade da estrutura do teatro, a simetria, os equipamentos dispostos de maneira prática, as varas que sobem e desce ou até mesmo somente ter a vara já é um privilégio deste espaço. Porém, existe a dificuldade em criar uma coisa diferente, não óbvia. Inovar, fazer uma concepção diferente em um espaço que é comum. O alternativo é sempre um grande desafio, equipamentos diferentes, tamanho do espaço diferente, é sempre um aprendizado e o produto final é quase sempre inédito<sup>2</sup>”.*

Com os resultados parciais apresentados até o presente momento percebe-se a peculiaridade de cada trabalho e a diferença de experiência dos profissionais entrevistados. Porém, mesmo com estas diferenças verificou-se que as dificuldades enfrentadas são por vezes muito parecidas. Como disse o entrevistado Domingos Quintiliano: “é impressionante como você se depara com uma situação que nada do que você sabe serve”. Com pouca ou com muita experiência será sempre um desafio desenvolver um projeto de luz para um espaço não-convencional.

Dois profissionais de iluminação cênica ainda serão entrevistados, e materiais de pesquisas sobre este tema, recolhidos por alunos da disciplina de cenografia I, realizados no primeiro semestre deste mesmo ano na graduação de licenciatura em artes cênicas do Instituto de Artes da Unesp, ministradas pelo professor Wagner Francisco Araújo Cintra serão analisados para contribuir na pesquisa. Esta etapa terá sua conclusão no início do mês de dezembro deste ano e, muito provavelmente, será retomada no próximo ano com a possibilidade de amadurecimento para um possível projeto de pesquisa em uma futura pós-graduação.

### Referências Bibliográficas

APPIA, Adolphe. *A Obra de Arte Viva*. Trad. Redondo Júnior. Portugal: Editora Arcádia.

ROUBINE, Jean Jaques. *A linguagem da encenação teatral* (1880-1980).

Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.

BULHÕES, Marcos *Encenação em jogo: espaços e fragmentos de textos como ponto de partida* Mestrado, ECA/USP, 2001

COURTNEY, Richard *Jogo, teatro e pensamento São Paulo: Perspectiva, 1980*

PEREIRA, Roberto. *Luz na dança: contornos e movimentos*. Prefácio Helena Katz; pesquisa iconográfica Fabiana Dutra Britto; projeto gráfico Rachel Zuanon e Alexandre Geraldes; direção editorial Rosa Katz. Rio de Janeiro: Eletrobrás, 1998.

BROOK, Peter. *O Teatro e seu Espaço*. Petrópolis: Vozes, 1970.

---

<sup>2</sup> Trecho da entrevista concedida para esta pesquisa no mês de setembro de 2006 pelo designer de iluminação Tadeu de Araújo, responsável pela luz do espetáculo *Alguém vai vir da visceral companhia* que esteve em cartaz na sala experimental do teatro Augusta.